

MIRELLA MATTOS



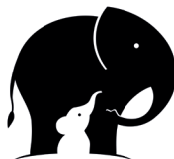
POLLYANA FERREIRA



LEGADO
HISTÓRIAS DE VIDA

MIRELLA MATTOS

POLLYANA FERREIRA



LEGADO
HISTÓRIAS DE VIDA

Texto: Mirella Mattos
Diagramação: Fabiane Reginato
Edição e Revisão: Legado - Histórias de Vida
Fotos: Arquivo pessoal da artista
Ano: 2022

www.historiasdevida.com.br



*"A influência de um belo caráter é contagiosa, e
pode revolucionar uma vida inteira..."*

Frase de Eleanor H Porter do livro Pollyana

Foi Edgar Degas que disse que "desenhar não é o que alguém vê, mas o que um alguém pode fazer os outros verem". E era isso o que Pollyanna Ferreira, de 4 anos, filha de seu Clóvis, dono do restaurante, fazia todos os dias no estabelecimento da família, desenhando os clientes e presenteando-os com seus retratos. "Desde sempre eu estava desenhando. Meu pai juntava as embalagens que cobriam as carteiras de cigarro e eu desenhava nelas com caneta. Alguns dos nossos clientes ganhavam meus desenhos, outros, meu pai guardava orgulhoso".

Como toda criança, Polly aprendeu a desenhar antes de escrever, mas ao contrário da maioria, nunca parou. "É uma fase que geralmente acaba quando a gente vai para a escola. Mas eu sempre fui estimulada a desenhar. E meu pai dava a maior importância a tudo que eu fazia, sempre foi meu maior incentivador".

O ato de desenhar ajudava a "acalmar" e distrair a pequena Polly, facilitando a rotina de trabalho dos pais. "Eu era uma criança muito falante, inquieta, que precisava sempre de supervisão. Eu lembro que mesmo no restaurante, estava sempre nas mesas falando com os clientes. Na minha cabeça, eu estava sempre desenhando-os e era comum ouvir de volta um 'ai como está lindo' e ver meus desenhos em exposição lá".

Mesmo já matriculada na escola, o principal interesse da menina ainda era o desenho. Os cadernos, que deveriam tomar forma com letras e cálculos, eram ocupados, majoritariamente, por seus desenhos.

“Meu caderno era para desenhar. E eu desenhava os professores, caricaturas e de trás para frente acabava tendo mais desenhos do que conteúdo escolar”.

Foi a paixão pelo desenho que a levou para as aulas técnicas, depois para a Pintura, com passagem pelo Ateliê de outro artista até ter o seu próprio e tantos outros caminhos, que a princípio pareciam até arbitrários, como a faculdade de Pedagogia, mas que determinaram a trajetória da artista, professora, mãe, empresária. Lá de Aldeia, município que faz parte da Grande Recife, em Pernambuco, Polly criou um método e programa de aprendizagem para formação de novos artistas, que hoje possui mais de 600 alunos matriculados no Brasil e no Exterior e cujo trabalho, em 2022, ganhará projeção internacional com exposições em Londres e Paris.

Filha de duas mães

Pollyanna Ferreira nasceu em 24 de julho de 1977, em Recife. Primogênita de Clóvis Roberto Gomes Ferreira e Noemia Maria da Conceição. O seu nome foi inspirado na personagem Pollyana, do livro homônimo, de Eleanor H. Porter, um clássico da literatura infanto-juvenil. “Eu sou Pollyana por causa da menina do ‘Jogo do Contento’. Minha mãe, quando estava grávida de mim, queria fugir dos nomes que eram bem comuns à época, como Adriana e Patrícia. Eles gostavam dessa história e

pensaram em me dar um nome mais único. O problema é que gostaram tanto que depois tiveram outras duas filhas e aproveitaram o sufixo Polly [risos]. Então vieram depois Pollykleidy e Pollyneidy. A diferença de uma Polly para a outra é de seis anos”.

Quando Polly, a primeira, nasceu, sua mãe trabalhava na casa de sua madrinha, Ingrid Duque. E foi lá que a menina passou os quatro primeiros anos de sua vida. Quando seus pais se casaram, passou a se dividir entre as duas casas, sempre no paralelo entre as duas mães. “Meus pais compraram uma casa perto da minha madrinha. A casa deles era muito mais humilde. A minha madrinha tinha uma condição de vida muito melhor e pôde me proporcionar coisas que meus pais não podiam. Ela pagou meus estudos em colégios particulares, fez muito por mim. Sou uma filha de duas mães.”

Dois anos depois, a família se mudou para Camaragibe, mas a madrinha continuou como uma presença constante na vida de Polly, que reina absoluta nas duas famílias até os 6 anos de idade. “Os filhos da minha madrinha têm a idade dos meus pais. Assim, todo mundo já estava encaminhado quando eu nasci. Eu me sinto extremamente privilegiada em ter as famílias na configuração que tive”.

Na adolescência, Polly passou a devorar o Caderno C do Jornal do Comércio, não apenas pelos quadrinhos e tirinhas, mas porque lá, a produção de crianças e adolescentes era publicada. “Eu sempre acompanhava

e via desenhos de crianças que não eram artistas profissionais e queria que meus desenhos estivessem lá também. Eu me inspirava neles, mas nunca mandei nenhum dos meus, não sabia nem como fazer isso”.

Entretanto, foi nesse mesmo jornal que ela viu pela primeira vez a menção de um curso de desenho, que por sorte (ou quem sabe, destino), ficava a apenas duas quadras de distância de sua casa. “Quando fui chegando à adolescência vi que meus desenhos precisavam de mais acabamento. Um dia vi aquele anúncio e nem acreditei no endereço. Era muito perto de onde eu morava. Mostrei ao meu pai e ele foi comigo conversar com a dona do Ateliê”.

O curso era para adultos, mas com muita insistência de Seu Clóvis, que não mediu esforços para atender ao pedido da filha, Polly conseguiu ser matriculada. “A gente nem sabia quanto custava ou se poderíamos pagar pelo curso. Eu só sabia que não poderia deixar de participar”.

O talento dela já era visível a todos, ia além dos elogios dos adultos de seu convívio, especialmente após a participação de Polly em concursos organizados pelo SESC, em que ela foi ganhadora por três anos consecutivos. “Na primeira vez que me inscrevi, eu ganhei um estojo imenso com um monte de lápis, hidrocor, coisas que eu nem sabia que existiam e comecei a colorir meus desenhos. Eu deveria ter uns 13 anos mais ou menos”.

Foi através dessa experiência que ela também começou a perceber como o universo da arte funcionava.

E com isso, passou a se ver como parte dele. “Aquele trabalho foi exposto e foi aí que eu comecei a entender isso. Que quando algo seu era exposto, mais pessoas viam e você começava a ficar mais conhecido. Porque antes eu fazia e mostrava para o meu pai, para os amigos dele e para mim. Agora eu finalmente estava sendo vista”.

Garota desenrolada

No curso de desenho, Polly era a aluna mais nova, seus colegas tinham o dobro de sua idade. Por esse motivo e também por parte do conteúdo que seria ministrado, a professora não queria aceitar a sua inscrição. “O curso era à noite, das 19h às 22h, um horário que não era convencional para adolescente. Ainda mais naquela época. Tinha ainda a questão que teríamos aula de Nu Artístico. Mas meu pai não desistiu. Era sempre meu pai que me levava para essas coisas e ele foi comigo lá, conversou com a dona do Ateliê e com a professora que disse para ele. ‘Seu Clóvis, o curso é feito para adultos e ela é praticamente uma criança’. E ele: ‘Não. Ela vai aprender sim. Ela é desenrolada’” .

E como se estivesse profetizando o futuro de sua filha, assim foi. O que seria um curso de seis meses, foi renovado para mais dois módulos. Polly se mostrou sim “desenrolada” e aprendeu a desenhar nus, como também figuras geométricas, frutas, paisagens...

Nesse período, a família de Polly passou a enfrentar diversos problemas financeiros e foi com o auxílio da madrinha que ela continuou no curso de desenho. “O meu curso já era pago com certa dificuldade, mas quando meu pai perdeu o emprego e passou a viver de bicos, eu passei a atrasar as mensalidades. Até que não pudemos mais pagar. E aí a minha madrinha se ofereceu para pagar”.

Polly lembra que até buscar o dinheiro da mensalidade era algo difícil, porque a sua benfeitora morava do outro lado da cidade, o que exigia planejamento e o dinheiro que às vezes ela nem tinha para pagar a condução. “Não era como hoje que você resolve tudo com um celular. Eu tinha que pegar dois ônibus para ir buscar o dinheiro e nem sempre eu tinha tempo ou podia pagar as passagens. Eu seguia atrasando as mensalidades. Era dia 10 o vencimento, eu pagava dia 20. Eu achava que algum momento iam me chamar para conversar. Até que me chamaram”.

A conversa, diferentemente do que Polly esperava, não foi em tom recriminador, mas sim, o empurrão que ela precisava para continuar. “A professora me disse ter notado a dificuldade no pagamento do curso e eu contei do meu pai e da ajuda da minha madrinha e de sua filha e ela me disse que eu não precisava mais pagar pelas aulas. Foi então que me tornei bolsista”.

Cursando o segundo grau, Polly começou a pegar alguns pequenos trabalhos na própria escola para ter uma renda. “Eu fazia desenhos temáticos de Dia das

Mães, Dia dos Namorados. Nos dias de hoje, cada um saíria por aproximadamente R\$40. Como eu ainda não tinha um emprego formal, qualquer coisa assim já me ajudava bastante”.

A remuneração pelos pequenos trabalhos que fazia era reinvestida na compra de mais material e também para participar de exposições. “Sempre tinha lugares para expor e sempre precisava fazer inscrição e era com o dinheiro desses trabalhos que eu participava desses eventos”.

Polly foi se aventurando no seu trabalho artístico. No final da adolescência, ela já desenhava colorido, e posteriormente, de forma autodidata, passou a desenhar em aquarela. Seus pais a permitiam voar livremente, sempre deixando claro que não havia pressa para definir como seria o futuro nem faziam qualquer pressão extra para a escolha de um curso universitário. “Talvez porque eles também não tenham estudado muito. Eles não viam a universidade da mesma forma da maioria das pessoas. Eles queriam que eu me realizasse através do trabalho, que tivesse um ofício, mas nunca deram opinião sobre faculdade, nem me julgaram por conta das minhas escolhas”.

Foi a madrinha, que mais uma vez interveio e fez com que Polly considerasse uma profissão “segura”. “Quando concluí o segundo grau, minha madrinha me orientou a fazer o pedagógico. Fiz apenas para cumprir tabela. Até então, eu nunca havia pensado em dar aulas.

Eu não tinha esse chamado. De qualquer forma, depois do pedagógico, fiz vestibular”.

Aprovada em Artes Plásticas, Polly cursou apenas seis meses de faculdade e revela ter se decepcionado muito com o ambiente acadêmico. “Eu esperava muito do curso. Esperava que tivesse mais técnicas, que ensinassem como um artista deveria se portar diante do público, questões éticas, como precificar as obras. Ao invés disso, o que tínhamos era um desfile de alunos e professores. Nada de metodologia. Apenas uma lista de materiais sem nenhuma explicação. Aquilo não fazia o menor sentido para mim”.

Dos 25 alunos que ingressaram no mesmo período, todos acabaram desistindo e indo para outras áreas. Já Polly começava a buscar outras formas de aperfeiçoar sua arte.

E então veio Santanna

Na década de 1990, no Recife, era comum convidar artistas para pintar tapumes de lojas, e um dos sonhos de Polly era ingressar nesse circuito. “Eu tinha loucura por fazer um trabalho como esse. Até que surgiu a oportunidade de pintar um temático para o Dia Internacional da Mulher”.

O projeto era encabeçado por Fátima Paes, uma artista que Polly admirava e que esperava que a tomasse

sob sua asa. “Eu não a conhecia pessoalmente, mas obviamente, já tinha ouvido falar sobre ela. Era uma pessoa muito simpática e eu conversei com ela e expliquei que queria seguir pintando profissionalmente, que gostava de sua linha de trabalho e queria saber informações sobre o curso dela”.

Para a surpresa de Polly, Fátima já a conhecia, pois acompanhava sua produção, e a direcionou ao seu futuro mentor. “Ela me disse que tinha visto meu trabalho exposto na loja de Dermeval [especializada em materiais artísticos] e me falou que achava minha técnica parecida com a de Jovenal Santanna. E então eu fui conhecê-lo”.

Santanna e Polly se deram bem à primeira vista e logo ela foi aceita como aluna e posteriormente, pupila, em seu ateliê. “Ele logo me acolheu, disse que não era professor, mas que estava professor. Ele era autodidata, tinha exclusividade com uma galeria e acabava não fazendo muito dinheiro. Por isso, começou a dar aulas”.

As aulas aconteciam às terças e quintas, mas Polly só podia pagar por uma aula semanal e foi então que fizeram o “acerto” que a transformou em monitora do curso. “Ele sempre me perguntava porque eu não ia nas duas aulas e eu dizia que não dava, que só tinha condições de ir um dia. E aí eu via que ele terminava os desenhos das alunas e o resto da turma ficava parada. Como essas primeiras noções eu sabia dar, me ofereci para ajudar a preparar o fundo e isso foi desafogando o tempo dele, que foi ficando mais livre para fazer os refinamentos sem perder

tempo com os trabalhos mais grosseiros, que são os mais iniciais. E nisso, eu ia ganhando um pouco mais de didática sem ter o peso de ter uma turma, qualquer problema ele estava lá. Eu era monitora sem saber que era.”

Uma das coisas que Polly mais gostava em Santanna era a sua humildade, característica que leva consigo mesma. “Ele era um homem muito simples. Nem parecia que era artista. Não apenas na aparência, que era de um trabalhador braçal [ele havia trabalhado com colheita de cana no interior de São Miguel]. Mas na sua essência. Ele não tinha o ego inflado, o que é muito bom para um artista. Ele tinha um trabalho diferenciado – sem muitos recursos, ele pintava com gravetos de árvore – os pés no chão e era o tipo de professor que sabia reconhecer os talentos e impulsioná-los. Ao longo dos quatro anos que fiquei no Ateliê dele aprendi muito”.

Foi Santanna que a incentivou a dar aulas e passou segurança para que ela desse esse passo. “Eu me considerava muito verde para dar aula quando surgiu o pedido de minha primeira aluna. Fazia três meses que eu estava no Ateliê de Santanna e eu também era muito nova. Tinha apenas 20 anos. Não me sentia confiante e perguntei a Santanna o que ele achava, se eu tinha condições de dar suporte a alguém e ele me deu a maior força. Então tive a minha primeira aluna”.

O que começou despretensiosamente como um encontro semanal virou uma grande parceria. “Era para ser apenas uma manhã por semana, depois, ela pediu

para ser manhã e tarde, até passar a ser três encontros, e depois, passar o dia todo com ela. Ela era consulesa da Finlândia e começou a me apresentar várias pessoas, fiz muito networking e consegui muitos trabalhos nesse período”.

Logo, Polly tinha vários alunos particulares e estava expondo no Recife Antigo quando surgiu a oportunidade para ingressar numa vaga permanente como professora de Artes. “Conheci uma artista plástica que dava aula no Museu do Estado e quando ela ganhou uma bolsa de estudos na Europa, me ofereceu o emprego dela”.

Nasce Tia Polly

Mais uma vez, Polly recorreu a Santanna para aconselhamento profissional, e mais uma vez, ele disse o que ela precisava ouvir. “Ele me falou para enfrentar esse desafio. E foi o que eu fiz. Cheguei no Museu com meu portfólio e logo eles me contrataram. Comecei na mesma semana”.

A mudança na dinâmica de suas aulas fez com que Polly começasse a pensar no que viria a se tornar seu método pedagógico. “Quando eu comecei no Museu foi um choque muito grande. Eu estava acostumada a ter um aluno por vez e de repente, eu tinha que atender a seis alunos me chamando ao mesmo tempo e eu me sentia muito estressada com isso. Pensava não ter condições

de dar aula desse jeito e foi aí que pensei num método: observava a sala e escolhia o aluno que ia passar mais tempo ocupado com uma fase do quadro e assim ia diluindo a minha presença entre cada um deles. E eu sempre estava rodando. Isso começou a dar autonomia para eles, que não precisavam ficar me esperando para concluir os quadros”.

Professora de artes para adultos e idosos, eis que dois anos depois surge um projeto para lecionar para adolescentes. “A consulesa, que foi minha aluna particular, me convidou para esse desafio de dar aulas para jovens. Eu nunca havia trabalhado com esse público e tinha alguns preconceitos como por exemplo, de que eu precisaria convencê-los a pintar, que iriam bater de frente comigo e foi o contrário. Como era um projeto social para filhos de funcionários de uma fábrica, na verdade, eles se sentiram muito gratos. Foi uma experiência gratificante, principalmente porque pude ensinar do zero. Os alunos do Museu além de serem adultos, vinham com uma bagagem. Meus jovens do projeto não sabiam nada de pintura”.

Logo depois, Polly passou a lecionar para crianças, em Aldeia, e aí nascia a 'Tia Polly'. “Na Escola Internacional de Aldeia, eu dava aula para crianças de 7 a 13 anos. Foi um aprendizado enorme para mim porque tinha que ser leve e divertido. Os alunos vinham cansados das outras aulas do dia, assim, a intenção era de que a minha aula fosse agradável. Eu podia brincar com eles e isso gerou

até uma mudança na minha postura, que era rígida. E de repente, eu virei Tia Polly, uma pessoa que torna a arte divertida e acessível, independente de faixa etária. Todo mundo passou a me chamar assim. Até os alunos mais velhos”.

Seu carisma e desenvoltura encantaram até os pais dos alunos, que por sua vez, também queriam aprender a pintar. Uma das mães, que fazia artesanato e ia abrir um Ateliê em Aldeia, propôs montarem juntas o negócio. A parceria entre elas durou apenas um ano e meio, mas a perseverança de Polly fez com que o espaço não apenas se mantivesse, mas continuasse a crescer. “O Ateliê deu tão certo que em 2022, completa 18 anos de existência”.

O grande salto de fé

Segundo o artista conceitual francês Daniel Buren, o Ateliê é, na maioria dos casos, mais necessário ao artista do que a galeria e o museu. Mais do que um local de trabalho, o Ateliê é um espaço de criação, experimentação, onde as coisas acontecem. Lá fluem novas ideias, por isso, no metiê artístico, também são conhecidos como a casa de um alquimista.

No caso de Polly, além do Ateliê ser tudo isso, ele tinha também que “dar certo”. “Ao contrário da minha sócia, que tinha toda uma estrutura financeira por trás e via o negócio apenas como hobby, para mim, não existia

outra opção além de trabalhar muito e fazê-lo crescer”.

O espaço abriu numa pequena galeria, em Aldeia, em 2004, de uma forma um tanto improvisada. “A gente abriu o Ateliê com as coisas emprestadas. As cadeiras, frigobar, ventilador eram da minha sócia na época. Eu só tinha tintas e cavaletes”.

Um ano e meio depois, por pressão familiar, a sócia deixou o Ateliê, e mesmo com medo de falhar, Polly decidiu prosseguir com o projeto. “Eu lembro que falei com a nossa funcionária, Verônica, e perguntei se ela topava continuar comigo e ela disse que sim. Era o que eu precisava ouvir para também continuar. Segui me arriscando”.

Logo, de uma pequena sala, elas se mudam para uma maior, na mesma galeria, passaram por reformas e conquistaram tantos alunos a ponto de Polly não conseguir mais conciliar o Ateliê com a Escola de Aldeia. “Foi um grande salto que eu dei. Por mais medo que eu tivesse, eu também tinha uma espécie de certeza de que daria certo e por isso eu arriscava”.

A maternidade foi também um fator a ser levado em conta na escolha feita por Polly. “Depois que meus filhos nasceram, eu percebi que não queria mais passar o dia me dividindo entre tantos empregos e ainda fazendo murais e dando aulas particulares. Eu precisava estar em casa de noite com eles”.

Uma de suas lembranças preferidas desse período era levar os pequenos ao Ateliê. Hoje os dois trabalham

lá. “Eu queria ser motivo de orgulho para meus filhos com a minha profissão, que eles vissem como uma forma de sustento. Desde cedo, isso fez parte da vida deles e os encantava. Eles sempre tiveram contato com o meu trabalho e cresceram no Ateliê. Hoje minha filha é aquarelista. Meu filho quer fazer faculdade de cinema. Minha irmã também é pintora [Pollykleidy é professora de artes para crianças]. Eu criei uma outra geração de artistas na família”.

A escolha em priorizar a vida familiar fez com que sua receita diminuísse, e o que não parecia um problema tão grande nos anos iniciais, mudou com o divórcio, quando Polly precisou mais uma vez se reinventar. “Eu não conseguia ver uma saída e eu queria viver de arte, mas não conseguia trocar o carro, não conseguia fazer uma viagem sem me endividar. E eu tinha dois filhos pequenos. Eu precisava de uma luz, de uma saída”.

A virada de chave

Polly tentou manter um Ateliê em Boa Viagem, pensou em maneiras para fazer seu negócio crescer, porém nada parecia funcionar. “Nessa época, eu não expunha nada, só me dedicava aos alunos, não tinha nem mais tempo para pintar. Eu estava com mais de 60 alunos – uma turma normal tem mais ou menos 6 alunos, as minhas tinham o dobro, tinha turmas de 12, de 15 – e eu achava que para

eu crescer não tinha como eu ter o dobro de alunos e eu nem podia aumentar muito a mensalidade. Eu não podia também nem pegar comissões para fazer murais, porque era algo que ocupava muito tempo”.

Em 2018, a irmã Pollyneidy a convidou para assistir uma palestra do consultor de negócios Dante Freitas, que se tornaria seu mentor. “Minha irmã tinha uma disciplina de empreendedorismo com ele e disse que ele abriria a minha mente. A virada de chave da minha vida veio com essa mentoria”.

Mesmo apertada financeiramente e sem condições de pagar pela mentoria, Polly fez um briefing explicando o seu trabalho e negócio, e o próprio Dante entrou em contato com ela. “Ele perguntou o que estava faltando para eu fazer a mentoria e eu respondi que não poderia pagar o valor integral. Eu não tinha nem limite de cartão de crédito para isso. Ele, então, me ofereceu uma opção de parcelamento que me permitia dar uma entrada e parcelas mensais por meio de depósito. Só assim mesmo para eu conseguir fazer”.

Essa era, inclusive, uma condição permanente na vida de Polly, não importa o quanto trabalhasse e o quanto o Ateliê estivesse dando certo, o retorno financeiro era sempre aquém e sempre surgia algum imprevisto para tirá-la do eixo financeiro. Dante fez uma análise do seu negócio e um plano de negócios que deveria ser cumprido em quatro meses. Um dos norteamentos do mentor seria aumentar a presença online dela. “Eu não via

meu trabalho de forma alguma no universo online, eu não sabia como ganhar dinheiro na internet, eu achava que tinha que ser blogueirinha e que tinha que ter milhões de inscritos no meu canal”.

O seu canal no YouTube possuía apenas quatro vídeos, quando Dante estabeleceu a criação de um cronograma de produção de conteúdo e upload de aulas. “Ele me orientou a colocar uma aula por semana e a estudar sobre produtos digitais”.

Polly focou toda a sua energia em aprender a gravar, editar e criar suas aulas online e apostou no universo online mesmo sem ter um retorno financeiro imediato. “Era muito difícil para mim. Nessa época, era eu sozinha, eu gravava, editava , subia os vídeos , fazia suporte. Isso ainda com as aulas que eu dava, encomendas de quadro, gravar para o Youtube. Como eu me divorciei, eu mergulhei naquilo, não tinha dia, noite, madrugada”.

A sensação era de que não havia tempo a perder. Logo, ela lançou seu primeiro produto digital: um módulo de cinco aulas de pintura para iniciantes. “Era muito parecido com o que eu fazia no Youtube. A maior diferença é que no curso, os alunos tinham acesso a um grupo de correção de exercícios no Whatsapp. As aulas eram gravadas e eu vendia durante as aulas do Youtube. Sem campanha, sem nada. Umhas 50 pessoas fizeram o curso. Hoje tenho mais de 500 alunos”.

A arte como mecanismo de felicidade

Quando a pandemia de Coronavírus explodiu no mundo, e conseqüentemente, a arte se apresentou como um caminho de resistência para lidar com medo, angústia, depressão e incertezas, diversos cursos online surgiram. Nesse ano, o produto de Polly já estava pronto, e ela começou a fazer lives no Instagram. "Enquanto os outros professores estavam perdidos no que fazer presencialmente, o meu produto já estava rodando na plataforma, com suporte, com atendimento e a gente fez o 'Confinamento da Arte', todo dia com a live para falar de arte".

As lives deram uma amplitude nacional e mundial ao trabalho de Polly. "Pessoas do país inteiro e brasileiros que moravam no Exterior passaram a interagir comigo. Até hoje, mesmo tendo uma equipe, sou eu que respondo as mensagens. Mas naquele momento percebi que estava criando uma comunidade digital engajada".

A sua presença digital e o crescimento da venda de seus cursos permitiram pela primeira vez em muito tempo que ela não precisasse de diversos empregos para se sustentar. "Quando eu abri o carrinho a gente começou a vender com água e aí eu senti o que era realmente viver disso. Eu não precisava mais do salário do Museu. Aliás, desde que começou a pandemia, eu passei a não receber mais do Museu. Antes, era minha principal fonte de renda e passou a não fazer mais falta, e aí eu pude perceber

o que meu mentor falava, que eu poderia transformar o meu negócio no meio online."

Hoje, são três os infoprodutos: iniciante de pintura, intermediário de pintura e o clube da pintura. E há o plano de em breve, iniciar o curso pintura em acrílico. Com um público fiel, há sempre a cobrança por um novo curso, e costumeiramente, alunos que a acompanham há mais tempo tendem a comprar as versões mais atualizadas. "Quem comprou o primeiro, comprou o segundo, comprou o terceiro e eles não querem sair. Tinha gente que comprava o curso de pintura e não sabia desenhar e aí eu fiz o curso de desenho, que foi um sucesso e juntei o desenho com o curso de pintura e passei a dar um curso ainda mais completo e as pessoas querendo mais".

Quem vê Polly fazer as lives e gravações com a maior desenvoltura não imagina quão difícil o início e o papel fundamental do planejamento nesse processo. "O meu primeiro curso foi um parto. Eu selecionava e dizia vou dar aula disso hoje, quando era amanhã eu não sabia o que eu ia falar. Eu só atendia a demanda, de uma forma ou de outra. No curso, foi muito difícil porque eu tinha que bolar também um exercício que atendesse o tema de cada aula. E eu não tinha intimidade com câmera, edição. Fiz o melhor que eu podia fazer naquele momento."

Posteriormente, os cursos de Polly passaram a ser construídos de forma mais assertiva, à medida que ela compreendia as demandas de seus alunos e de como explicar pintura e desenho de uma forma mais simples

e descomplicada. “Hoje eu já faço diferente, eu delimito quantos módulos, o que será ensinado em cada um dos módulos, faço primeiro os exercícios em pdf e depois as aulas que são para explicar como deverá ser feita essa execução dos exercícios. Passou a fluir muito mais fácil dessa forma”.

A escola ‘Pollyanística’

Autocorreção

Destruir o modo vergonha

Gameificação

Simplificação

Resultados Rápidos

A migração das aulas presenciais para online não somente trouxe um novo perfil de público como também uma nova forma de dar aula. “Precisei desenvolver técnicas para mantê-los focados, para corrigir seus trabalhos e também para ensinar com leveza, porque para mim, aula de arte tem que ser leve”.

O primeiro passo em qualquer curso de Polly é “destravar o aluno” e tirar dele a vergonha de apresentar seus trabalhos e ser visto pelos colegas. “Os alunos pediam para as correções serem feitas no privado. Um artista não deve ter medo de se expor. Se ele não se expõe no seu próprio grupo, ele não vai expor seu trabalho. Todo

mundo cometia os mesmos erros dentro da comunidade. Foi um upgrade no meu método. No curso, ele vai fazer coisas confortáveis e não confortáveis. Todo mundo tem que passar pelo mesmo funil. É um rito de passagem: o 'show de canetada'".

O evento da correção como Polly costuma descrever, é o "bullying institucionalizado", mas ao contrário de seu homônimo, este bullying não tem a intenção de ferir nem humilhar, mas fazer com que o aluno não se leve tão a sério e se permita se divertir através do processo de aprendizagem. "Eu gosto de fazer as pessoas rirem delas mesmas. Mostro aos meus alunos que eles não precisam ser perfeitos. Eles só precisam ser. Acho que esse é um momento também de fortalecê-los para as críticas que sempre vão surgir. Nenhum artista está imune a críticas e pintar é um processo que leva tempo para amadurecer".

Um dos pontos principais do método adotado por Polly é simplificar o conteúdo, tornando-o divertido e acessível sem perder a técnica. "Vejo onde o aluno sempre erra e onde ele quer chegar. Acho que é essencial estar disposto a errar. É para isso que ele está ali, para aprender com os erros, e eu não sou o tipo de professora que distribui elogio à toa, faço ele olhar onde ele quer chegar. Faço com que ele veja a pintura por pequenas partes. Nada é tão complicado se for fatiado."

Como todo curso é separado por módulos, a intenção é oferecer uma experiência de gamificação em curto

espaço de tempo. "O aluno só sai do módulo um quando o compreende e aí vai se 'viciando' nas pequenas vitórias. O aproveitamento online é muito grande, dependendo da rotina de estudo do aluno é possível condensar quatro anos em seis meses. O meu método entrega isso".

Cheio de ritos de passagem, um dos mais comentados no curso é a pintura de um quadro de bode, que serve a um propósito muito específico. "Como artista a gente pega encomendas de coisas que a gente não tem vontade de pintar, então foi por isso que escolhi esse tema e todo mundo acaba batendo palma para o bode depois".

Polly atribui o sucesso do seu curso a não esquecer da jovem artista que foi, da curiosidade que possuía e da frustração que sentiu ao longo de sua trajetória ao não encontrar cursos que contemplassem o ser artista em toda a formação. "Os meus cursos são os que eu gostaria de ter encontrado lá atrás quando eu decidi que seria artista. Foi através dos meus erros que eu fui formatando os cursos. Quero ensinar não somente técnicas de pintura, mas outros temas, como por exemplo, gerenciamento de carreira, organizar exposições, coisas mais práticas, e quero mostrar também que é possível viver de arte".

Uma taça de vinho e jazz

Assim como Anita Malfatti, que cunhou a expressão "tomei a liberdade de pintar ao meu modo",

Polly só consegue pintar também quando se sente livre. A liberdade desta consiste em uma taça de vinho e música, preferencialmente jazz. Dessa forma que o trabalho da especialista em grafite e pintura hiperrealista flui, se aproximando da técnica francesa 'trompe l'oeil', que literalmente significa "engana aos olhos".

O trabalho de Polly sai da tela, notavelmente, em cores mais vibrantes no primeiro plano e pastéis ao fundo para dar profundidade. "É um trabalho que não é preso à temática e não é preso ao formato, tem horas que eu tenho uma pincelada mais solta, tem horas que eu tenho uma pincelada mais real, tem hora que eu misturo as duas, me sinto uma artista com uma pintura muito livre, gosto de ter o meu próprio tempo e apreciar pausas".

Embora seja uma artista de múltiplas temáticas, a sua preferida é a natureza, especialmente as paisagens de Recife. "Acredito que muitos artistas gostam de ver uma paisagem e passar isso para tela, não apenas copiar uma fotografia. Coloco no meu trabalho as praias daqui, a Orla que eu acho muito bonita, o verde daqui, a maneira como o sol incide. Quando eu observo uma luz, eu quero sintetizar ela, é um trabalho de investigação".

Apaixonada por conceitos, regras e fundamentos, Polly também gosta de brincar com eles e testar limites. "Eu me defino como uma artista mais voltada para o clássico. É importante que qualquer pessoa que queira pintar conheça os fundamentos, você pode até depois romper com as regras, mas de forma consciente. Assim

não é um erro. Serve a um propósito”.

A paleta utilizada por ela é a mesma que utiliza para ensinar aos seus alunos. Ao contrário da maioria dos professores, Polly não se deixa “seduzir” por inúmeros tubos de tinta, mas ensina aos seus alunos como criar suas próprias cores e diversos tons a partir das primárias. “O que eu vivo é o que eu ensino. Assim, a paleta que eu uso é a que eu ensino a usar, o modo que eu pinto é o que ensino a pintar.”

A liberdade para Polly vai além de sua técnica. Apenas agora a artista tem produzido quadros livremente. “Quando comecei, todos os meus quadros e murais eram sob demanda. Quase não possuo trabalhos meus. Só recentemente que comecei a pintar sem tempo para terminar.”

London’s calling (e Paris também)

A menina que desenhava cenas e pessoas em embalagens se prepara para celebrar os 25 anos de carreira, mais de 600 alunos, quase 50 mil seguidores nas redes sociais e exposições e workshops agendados na Europa. “É um marco para minha carreira. A primeira exposição fora do país. Em maio de 2022 estarei em Londres, na Spacio Gallery. Em outubro, no Louvre. Me belisco quando penso em como tudo começou”.

O projeto “Universo Brasil” foi pensado por Polly

como uma exposição itinerante de um enorme mural de caráter ufanista: uma tela de 30mx30m, construída a partir de várias mãos e pincéis, retratando a fauna e flora brasileiras. “Elaborei o projeto e consultei meus alunos. Em uma semana eu já tinha 28 inscritos. Gente de todo o Brasil e do Exterior. Cada um ficará responsável por um pedacinho. Os que moram no Brasil vão mandar os pedaços para a minha casa e os que moram na Europa vão mandar diretamente para a galeria, em Londres”.

A intenção é de que essa obra, que já está agendada para Londres e Paris, circule por outros países antes de retornar ao Brasil. “Nenhum dos artistas receberá os pedaços de volta. O objetivo é que circule por todo país antes de deixarmos como obra permanente em algum museu”.

Humildemente, Polly diz que às vezes se assusta com a proporção tomada pela sua carreira desde que se tornou uma personalidade digital. “Passei 22 anos lecionando no mais importante Museu do Estado e nunca tive metade da projeção que a internet me deu. É uma enorme responsabilidade e também um senso enorme de gratidão. Sou artista, empresária, meu trabalho sustenta a minha e outras famílias e quanto mais cresço, mais consigo ajudar e transformar a vida de outras pessoas”.

O sonho que começou sozinha segue assim como ela, livre e sem limites. “Eu sempre acreditei em mim, mesmo nos meus momentos de maior dificuldade. Nunca pensei em desistir. Fui crescendo com os meus sonhos. Se hoje

eu sou uma artista de projeção nacional, que se sustenta através de sua arte é por causa disso. Para o futuro, eu quero mais, eu quero ser uma artista reconhecida internacionalmente, quero ajudar na formação de outros artistas e sobretudo, na formação de professores de artes”.

E esse futuro está apenas começando.



Acima: Pais, Polly e irmãs.
Abaixo: Formatura em pedagogia.



Acima: Aula com Santanna, 1998.
Abaixo: Museu do Estado, 2013.



Pais de Polly.



Inauguração do Instituto Ricardo Brennand.



Acima: Uma das primeiras turmas no museu.
Abaixo: As duas mães de Polly.



Fenarte, 2006.



Acima: Com os pais na primeira exposição que apresentou com os alunos.
Abaixo: Com Veronica.



Acima: Filho de Polly no ateliê.
Abaixo: Bia aos 2 anos no ateliê.



Com o filho Guilherme e com a filha Beatriz.



Com os filhos em uma foto mais atual.



Primeira viagem internacional.



Polly em Florença, 2013.



Acima: O arquiteto carioca Santiago Teixeira e a empresária pernambucana Íris Pedrosa, responsáveis por inserir Polly no ambiente de décor, espaço que ela ocupou com a criação de diversos painéis. Abaixo: Veronica, a qual Polly carinhosamente chama de Verão, está com ela há 18 anos. Além de funcionária, elas têm uma grande amizade.



Acima: Com os alunos, 2002.

Abaixo: Viviane, aluna que virou uma irmã. Conheceu Polly nas aulas online, e hoje, faz parte da sua equipe.



As mulheres da vida de Polly: Pollykleidy Pollynneidy e Noemia.



Acima: Convite para exposição em Londres.
 Ao lado: Workshop em Londres.

INTENSIVE WORKSHOP
 LANDSCAPE STUDY, BACKGROUND AND DEPTH ANALYSIS

All Visual Arts Community presents an incredible opportunity, One-day intensive workshop with artist Pollyanna Ferreira!

MAY 12 1 **as 5** PM

Espacio gallery, LONDON

held by:

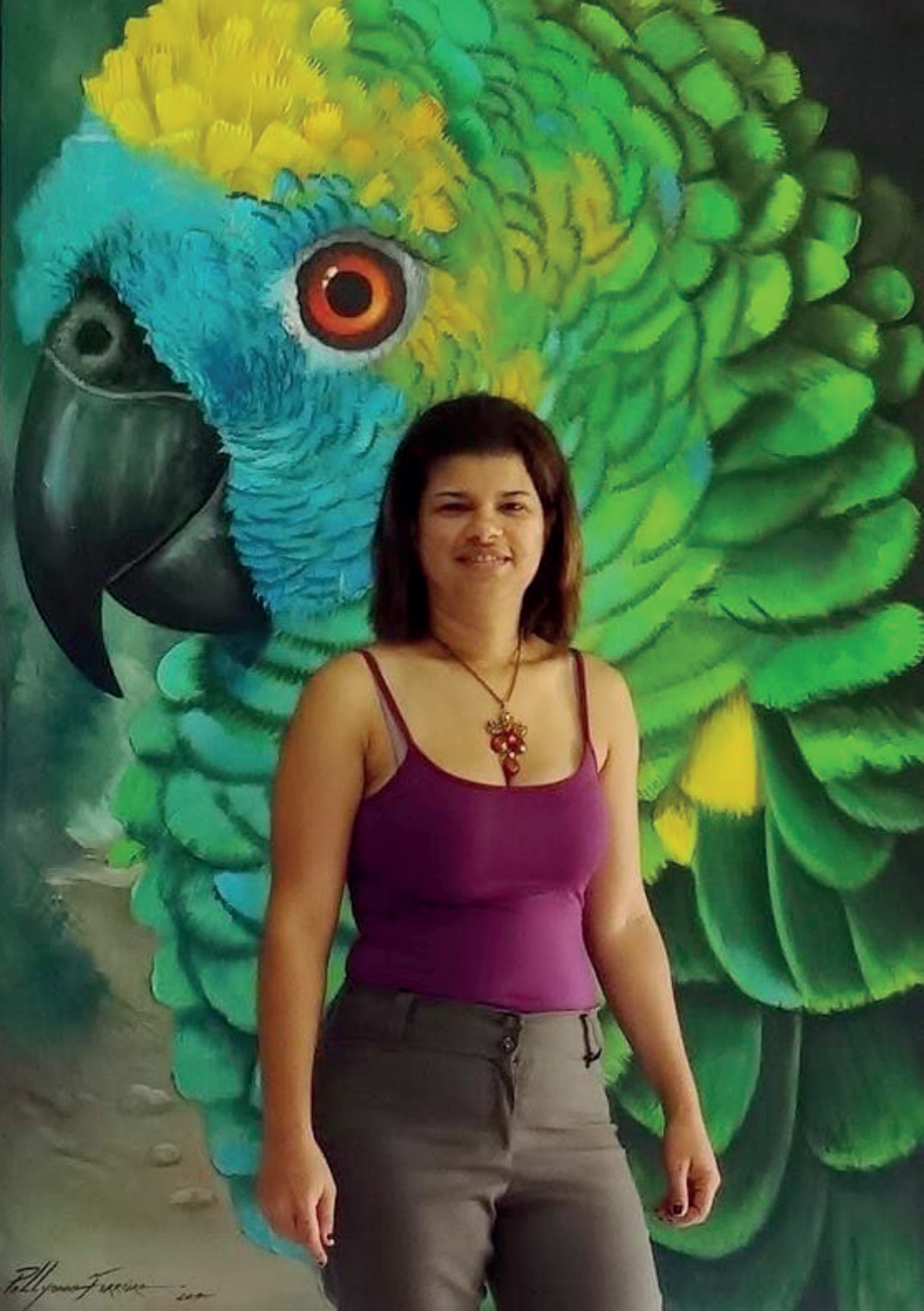
Graciella Harger - +44 7450 838183

 /PollyannaFerreira +35,5K
 @pollyanna.ferreiraa +7,5K
 /Pollyanna3D +2K





A profissional, que desenha desde criança, hoje criou um método próprio de ensino.



Pollyanna Funes 2000

